

O DIABO TRAVESTIDO EM *O RETRATO DE DORIAN GRAY* (1890): DEUS, O DIABO E A SERPENTE

Dante Luiz de Lima¹
Luiz Antônio Pereira Lima Neto²

Resumo

O objetivo desse trabalho é questionar como a figura do Diabo e sua influência são representados nos personagens principais do romance/novela *O retrato de Dorian Gray* (1890), do escritor irlandês Oscar Wilde. Identificamos essa presença maligna na tríade: o Diabo, Deus e a Serpente, representados respectivamente pelo jovem Dorian Gray, Basil Hallward, o pintor do seu imaculado quadro, e o aristocrata Lorde Henry Wotton. Dorian Gray influenciado pela Serpente, é levado a exaltar e valorizar a beleza e a juventude, e assim faz um pacto com forças ocultas para que o seu quadro envelheça em seu lugar e receba as marcas de seus atos cruéis. Não sendo punido por suas ações o jovem vive uma vida de excessos e prazeres que causam consequências para ele e também às pessoas ao seu redor, até chegar o dia em que Dorian teve que acertar as contas com o seu destino, o que o levou à sua perdição e morte. A relação entre o bem e o mal é a força impulsionadora que permeia todo o desencadeamento dos fatos dentro da trama.

Palavras-chave: Dorian Gray. Diabo. Deus. Serpente. Beleza.

THE DEVIL TRAVESTIED IN THE PICTURE OF DORIAN GRAY (1890): GOD, THE DEVIL AND THE SERPENT

Abstract

The aim of this study is to question how the figure of the Devil and his influence are represented in the main characters of the novel *The Picture of Dorian Gray* (1890) by the Irish writer Oscar Wilde. We identify this evil presence in the triad, the Devil, God, and Serpent, represented respectively by the young Dorian Gray, Basil Hallward, the painter of his immaculate portrait, and the aristocrat Lord Henry Wotton. Dorian Gray, influenced by the Serpent, is led to exalt

¹ Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Professor de Língua Inglesa e suas Literaturas da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, lotado no DALEM (Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas). Mestre em Literaturas de Língua Inglesa (UFSC) e Doutor em Teoria Literária (UFSC). ORCID < <https://orcid.org/0000-0002-5742-4555> > E-mail: dantelima41@gmail.com.

² Universidade Federal do Pará. Professor de Literatura e Língua Inglesa. Possui especialização em Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa e Suas Literaturas pela Universidade Federal do Pará (2019). Possui graduação em Letras - Língua Inglesa pela Universidade Federal do Pará (2017) e também em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pelo Centro Universitário Barão de Mauá - SP (2009). ORCID < <https://orcid.org/0000-0003-2053-167X> > E-mail: luiz20136@hotmail.com.

and value beauty and youth, and so he makes a pact with hidden forces so that his painting will age in his place and receive marks of his cruel deeds. Not being punished for his actions, the young man lives a life of excesses and pleasures that cause consequences for him and for the people around him, until reaching the day when Dorian had to settle accounts with his destiny, which led him to his doom and death. The relation between good and evil is the driving force that permeates all the triggering of facts within the plot.

Keywords: Dorian Gray. Devil. God. Serpent. Beauty.

1 INTRODUÇÃO

“O Diabo, de aspecto bestial, é o doloroso símbolo das
nossas próprias fraquezas e imperfeições”.

João Ribeiro Júnior

O Diabo³ é uma personagem que só existe no domínio da palavra, isto é, não temos provas da sua existência física, assim como a maioria das pessoas e seres que são retratados no texto bíblico. Somente através da fé é que satanás se torna real e temido. Segundo a teologia cristã, ele e sua falange de demônios são responsáveis por levar os seres humanos ao pecado e também têm a incumbência de punir os pecadores. Uma parcial compreensão do caráter desse ser nos foi dada pelos exegetas e estudiosos das Bíblia, já a sua horrenda aparência física, pelo qual o conhecemos, não é descrita no livro sagrado dos cristãos. Sendo assim, sua anatomia sofreu transformações com o passar dos séculos, no entanto, a ideia de como ele deveria ser foi sedimentada na mente do mundo ocidental através de textos religiosos e mundanos, como também em obras de artistas famosos como: Albrecht Dürer, Michelangelo Buonarroti, Gustave Doré, Michael Pacher, Joseph Geefs e vários outros. Lúcifer, por ser uma personagem camaleônica, com nomes variados e com características bastante peculiares, se tornou uma grande inspiração para escritores de ficção em geral.

Este artigo tem o intuito de investigar o Diabo como personagem literário e não como dogma de fé, pois através da literatura somos livres para explorar as várias facetas da criatura.

³ Apesar de seus vários nomes, o Príncipe das Trevas é mais conhecido como Satã, Diabo, Demônio ou Lúcifer (RIBEIRO JÚNIOR, 1997, p.62). Neste artigo usaremos esses nomes.

Para esta análise nos valeremos do romance/novela *O Retrato de Dorian Gray* (1890) do escritor irlandês Oscar Fingall O'Flahertie Wills Wilde, conhecido mundialmente como Oscar Wilde. A obra em questão não apresenta o Diabo de uma forma explícita, mas sua presença permeia os acontecimentos e seu caráter supostamente inclemente parece estar impregnado nas ações de algumas das principais personagens, como Lorde Henry Wotton e Dorian Gray, o protagonista da trama.

O romance/novela em questão narra a história do inglês Dorian Gray, um jovem de família abastada, cuja mãe fugiu com um homem pobre para viver um grande amor, sendo posteriormente privada de tal relação amorosa por seu pai, porém, gerando um filho bastardo, a nossa personagem principal. Sendo assim, tal fato provavelmente tenha influenciado a vida de Dorian de uma forma negativa, tornando-o mimado e narcisista. No entanto, a característica mais marcante de Dorian é o frescor de sua perturbadora beleza, que encanta e seduz todos a sua volta.

Como nosso intuito é discutir a presença do Diabo no enredo do romance/novela, iniciaremos nossa discussão analisando como os seres humanos geralmente enxergam a característica mais inolvidável do protagonista da trama, a beleza avassaladora. Particularidade essa que também é marcante em Lúcifer, o príncipe das trevas, como veremos no corpo deste trabalho. Para conceituarmos o belo utilizaremos uma citação de Umberto Eco, retirada do livro *História da beleza* (2014):

“Belo” – junto com “gracioso”, “bonito” ou sublime”, “maravilhoso”, “soberbo” e expressões similares – é um adjetivo que usamos frequentemente para indicar algo que nos agrada. Parece que nesse sentido, aquilo que é belo é igual àquilo que é bom e, de fato, em diversas épocas históricas criou-se um laço estreito entre o Belo e o Bom. (ECO, 2014, p. 9).

De acordo com a definição dada por Eco, belo pode ser usado para relacionar ao que nos encanta e também a algo bom. Comumente ao elogiarmos a personalidade de alguma pessoa dizemos que ela é linda. Neste caso, usamos um adjetivo geralmente relacionado ao físico para algo não concreto, para descrever a índole. Desta forma, comparamos sentimentos que nos agradam à beleza.

2 A BELEZA DESTRUIDORA

Dorian Gray pode ser visto como uma Helena de Tróia do sexo masculino, não que suas histórias sejam as mesmas, mas suas belezas causaram morte e destruição. O belo Dorian, já no início da trama, fascina dois grandes amigos: Lorde Henry Wotton, um aristocrata hedonista possuidor de ideias amorais, e Basil Hallward, personagem de índole mais amena. Dorian, ao servir de modelo para o retrato que Basil pintou, desenvolve no artista um encantamento pelo muso inspirador. No começo da trama de *O Retrato de Dorian Gray* (1890), Lorde Henry e Basil conversam sobre o jovem modelo e podemos perceber que há uma fascinação de Basil por Dorian Gray, uma atração que vai além de uma simples amizade e mexe com os sentimentos do pintor. Como nos explica Daniel Barbo:

[...] dominado pelo semblante de um jovem, a rondar a sua volta, completamente extasiado pela atração inescapável provocada pela beleza física do amado, Basil perde a sua independência e torna-se um escravo de Dorian Gray. O ideal de beleza física do mundo clássico, a harmonia entre corpo e alma inerente à pederastia grega, bem como a inspiração artística e intelectual advinda desta prática imprimem-se na mente de Wilde para explicar o efeito causado pelo jovem na alma do pintor. (BARBO, 2010, p. 38).

De acordo com o autor, Basil se sente escravizado pela figura de Dorian Gray, que exerce um domínio paradoxal sobre o pintor, tornando-o submisso e inebriado pela figura do rapaz, o que nos remete às relações homoeróticas comumente praticadas na Grécia Antiga. Embora o homoerotismo seja uma constante no decorrer do enredo, o narrador deixa o leitor a imaginar o que pode ter acontecido nas entrelinhas.

Quando Lorde Henry conhece Dorian Gray, percebe nele as qualidades que seduziram Basil e também se sente também deslumbrado pela formosura do jovem:

Lorde Henry examinava-o. Ele era decerto, extraordinariamente belo, com os lábios escarlates finamente talhados, os claros olhos azuis, a cabeleira de cachos de ouro. Tudo na sua face atraía a confiança, desde que nela não se descobria essa candura de mocidade aliada à pureza ardente da adolescência. Sentia-se que o mundo ainda não o havia poluído. Como surpreender que Basil Hallward o estimasse de tal forma?
— O senhor é realmente bem sedutor[...] bem sedutor. (WILDE, 2014, p. 28).

Percebemos nesse momento que também Lorde Henry se sente magnetizado por Dorian Gray, se formando a partir desse momento uma espécie de triângulo amoroso de grande rivalidade. Alcione Gonçalves (2012) nos fala dessa relação conturbada dos personagens:

Hallward, buscando uma fusão entre o seu eu e Gray, cria um retrato do jovem que na verdade não deixa de ser um autorretrato da alma do pintor. Em meio a este enamoramento singular, surge uma terceira personagem: Lorde Henry Wotton. Este busca uma perfeita harmonia entre seu brilho intelectual e a magnitude estética de Gray. Tanto o pintor quanto o nobre buscam apossar-se do rapaz que é para ambos um objeto de suas projeções. De um lado temos a mãe que lhe dá forma (Basil Hallward), e de outro o pai que lhe dá a linguagem (Lorde Henry). (GONÇALVES, 2012, p. 211-212).

A autora nos remete aos dois como se fossem ambos conceptores de Dorian Gray, seu pai e sua mãe, cada um moldando um pouco da criatura. Provavelmente ao tecer tal comentário Gonçalves tenha em mente o romance Frankenstein (1823) de Mary Shelly, no qual um monstro disforme é criado a partir da junção de vários cadáveres. No caso de Dorian o oposto foi feito, dois homens fascinados por uma pessoa do mesmo sexo o recriam mais belo ainda, um eterniza sua beleza em um quadro, o outro lhe dá o dom da palavra através dos seus ensinamentos.

A beleza é uma característica bastante aprazível para uma grande parte dos seres humanos, pois a mesma seduz e é almejada, por estar ligada à sedução e aos prazeres carnaís. No romance/novela, Lorde Henry ao descrever o belo Dorian Gray, diz que ele lembra uma combinação de marfim e folhas de rosas (WILDE, 2014, p.14). Vale lembrar que marfim é branco e sem imperfeições, as folhas de rosa são suaves e aveludadas, portanto, Dorian torna-se o arquétipo da beleza almejada por muitos. Lorde Henry também o compara aos personagens mitológicos Adônis e Narciso, ideais de beleza masculina.

Continuando a desenvolver a relação da valorização da beleza e da juventude, voltaremos à mitologia Greco romana que conta a história de Narciso, um jovem cuja incrível beleza atraía homens e mulheres, porém ele apenas gostava de si mesmo, Paulo Martins de Jesus (2010) explica sobre tal mito:

Conta o mito, que Narciso era um jovem muito bonito e sedutor e que todas as mulheres, ninfas ou mortais, sentiam certo fascínio por ele. O jovem admirara tanto a si mesmo que jamais teve tempo para sentir algo por outra pessoa, nem para perceber o que as demais sentiam por ele[...] Eco era uma jovem extremamente apaixonada por

Narciso e que, por não ser correspondida, resolveu um dia isolar-se num vale. Com o coração dilacerado de amor, foi morrendo aos poucos. (JESUS, 2010, p. 2-3).

Dorian Gray e Narciso, descritos acima têm algumas características em comum, pois são extremamente belos, jovens, têm fascinação por suas próprias imagens e várias pessoas que se apaixonam por eles acabam tendo finais trágicos, como se a beleza fosse algo maldito. Eco decepcionada por Narciso definhou até a morte, quem se envolve com Dorian também acaba tendo um fim fatídico. Um exemplo disso, é Sibyl Vane, uma jovem atriz, que se enamora por Dorian, mas quando deixada, por desencanto do amado, perde o sentido de sua vida e acaba se suicidando.

3 O RETRATO

Dorian, tornou-se diabólico, após ter seu retrato pintado por Basil Hallward, mas algumas vezes reflete sobre sua alma e o mal que causou para algumas pessoas:

Melhor valera não cogitar o passado! Nada conseguiria modificá-lo [...]. James Vane jazia estirado em um túmulo sem nome, no cemitério de Selby; Alan Campbell havia se suicidado uma noite, no próprio laboratório, sem revelar o segredo que ele o forçara a conhecer [...]. Em verdade, não era a morte de Basil Hallward que oprimia; era a morte viva de sua própria alma. (WILDE, 2014, p. 248-249).

As pessoas citadas acima por Dorian são: James Vane, irmão de Sibyl, que foi morto por acaso ao tentar se vingar pela morte da irmã. Também seu amigo e pintor Basil Hallward teve fim trágico, pois foi assassinado por Dorian após este ter revelado ao pintor o segredo macabro do quadro. Já Alan Campbell suicida-se com peso na consciência, pois ajudou Dorian a destruir o corpo de Basil. Sendo assim, Dorian parece sentir uma certa responsabilidade pelas mortes, no entanto, no final do excerto acima podemos notar que o mesmo só se preocupa com a própria alma e não sente um total arrependimento.

Poderíamos especular que Dorian, Basil e Henry formam uma trindade maldita: Basil (Deus), pois pintou o retrato e criou um ser perfeito que jamais envelheceria, no entanto, não consegue controlá-lo. Dorian, assim como Lúcifer fez com Deus, acaba se rebelando contra ele. Dorian (Lúcifer), pois assim como vilão bíblico, nasceu belo e puro, mas foi corrompido por

sua vaidade e beleza e acaba caindo para o mundo das trevas. Lorde Henry (Serpente do jardim do Éden), pois, talvez, funcione dentro da trama como o grande vilão da história, pois é a criatura maligna que influencia Dorian a se apegar aos valores fúteis de adoração da beleza, idolatria da juventude e dos prazeres da vida. Não se pode afirmar se a Serpente do jardim do Éden era o Diabo, pois não há comprovação para tal, acreditamos que ela era um demônio que fez Adão e Eva se desviarem dos desígnios de Deus. Provavelmente, Oscar Wilde, sendo anglicano e conhecedor das Sagradas Escrituras teve como inspiração o Diabo bíblico ao criar os personagens perversos do seu romance/novela. Na nossa análise Deus, Lúcifer e a Serpente se encaixam na personalidade e atitudes das três personagens que acabamos de descrever.

Corroborando nosso raciocínio que Lorde Henry possa ser um arremedo da Serpente do Jardim do Éden e que Basil, nessa mesma perspectiva, seja Deus, notamos que há um embate entre os dois. Basil conhece a índole de seu amigo e com medo de que ele influencie Dorian Gray, e que por isso o perca, implora para que ele não o estrague, por isso pede que Lorde Henry não o macule e não o influencie com suas ideias:

[...] Não me estragues; não me impressiones; a tua influência seria perniciosa. O mundo é grande de gente interessante. Não me subtraias a única pessoa que empresta à minha arte o encanto que ela pode possuir; minha vida de artista depende dele. Presta atenção Harry, eu te peço. (WILDE, 2014, p. 26).

Basil apaixonado pela figura do jovem Dorian, fica obcecado por ele, assim como Deus deve ter ficado ao criar Lúcifer, pois o concebeu como o mais perfeito dos anjos. O pintor acha que sua vida, até sua arte depende agora do rapaz, sendo assim, tenta alertar seu objeto de adoração sobre a perniciosa influência do amigo: “[...] Dorian, sobe ao estrado; não te mexas muito e não prestes atenção ao que te disser Lorde Henry. Sua influência é má para todo mundo salvo para ele” (WILDE, 2014, p. 29). No entanto, Dorian se sente atraído pelas ideias de Lorde Henry, e, assim como Eva e Adão no Jardim do Éden, aos poucos, se deixa seduzir pelas ideias nefastas do aristocrata:

—É verdade que sua influência chega a prejudicar tanto quer Basil?
— Ignoro o que os homens entendem por uma boa influência, Mr Gray. Toda Influência é imoral... imoral, sob o ponto de vista científico...
— E por quê?

— Porque considero que influir sobre uma pessoa é transmitir-lhe um pouco de sua própria alma; esta pessoa deixa de pensar por si mesma, deixa de sentir suas paixões naturais. Suas virtudes não são mais suas. Seus pecados, se houver qualquer coisa semelhante a pecados, serão emprestados. (WILDE, 2014, p. 29).

Lorde Henry explica que quando uma pessoa influencia a outra ela a está dominando, como se a pessoa fosse uma marionete nas mãos de um ventríloquo. Ele acredita que as pessoas devem seguir seus próprios instintos e também faz uma alusão a pecados, o grande trunfo das igrejas para aprisionar seus seguidores.

A partir de então, Lorde Henry mesmo contrariando o pedido de Basil de não macular Dorian, começa a expor seus ideais de vida, proferindo discursos como: “O terror da sociedade, que é a base de toda moral, o terror de Deus, que é o segredo da religião, eis as duas coisas que nos governam” (WILDE, 2014, p. 30). Inferimos aqui que os homens em sociedade vivem com medo do que os outros pensarão, de que Deus os condenará por seus atos e também temem os castigos pregados pela religião, por isso, os mesmos ficam com medo de viver plenamente e não realizam suas vontades. Lorde Henry continua seu discurso:

— Creio que se um homem quisesse viver plenamente, completamente, quisesse dar uma forma a cada sentimento, uma expressão a cada pensamento, uma realidade a cada sonho, creio que o mundo experimentaria tal impulso de alegria nova que nos esqueceríamos de todos os males medievais para voltarmos ao ideal grego, talvez mesmo a qualquer coisa mais linda e rica que esse ideal! O mais bravo, porém, entre nós tem medo de si próprio [...]. Cada impulso que tentamos sufocar persevera em nosso íntimo e nos intoxica. O corpo peca a princípio e satisfaz-se com o pecado, por que a ação é um modo de purificação [...]. Só quando cedemos a tentação nos desembaraçamos dela. (WILDE, 2014, p. 30).

Lorde Henry acredita que é necessário ceder aos próprios desejos, que se fizéssemos tudo que temos vontade conseguiríamos nos libertar de todo mal e viveríamos plenamente. Mas muitas pessoas têm medo de si próprias, de seus sentimentos, e esse medo de colocar tudo em prática, nos faz mal, porque a realização de nossas vontades, na verdade, nos purificaria, segundo Henry.

Continuando a falar sobre as características de Dorian, Lorde Henry começa a elogiar o rapaz e diz acreditar que a juventude é muito importante, assim como a beleza:

[...] não sorrirá tão facilmente, quando a houver perdido. Tem-se dito que a beleza é apenas superficial; talvez seja, mas, em todo caso, é sempre menos superficial que o

pensamento. Para mim, a Beleza é a maravilha das maravilhas. Só os sujeitos acanhados não julgam pela aparência. (WILDE, 2014, p. 34).

Com esses pensamentos, o ardiloso aristocrata vai mostrando sua verdadeira face de Serpente, seduzindo e fazendo com que Dorian questione seus princípios. Ele o instiga a buscar novas experiências: “Busque novas sensações! Nada receie... Um novo Hedonismo, eis o que pede este século” (WILDE, 2014, p. 34). Para Henry, o hedonismo, ou seja, a satisfação pessoal e a busca pelas sensações prazerosas, são muito importantes e essenciais para se ter uma vida plena. O discurso da Serpente causa um grande impacto em Dorian Gray.

Lorde Henry o lembra que a juventude não é eterna e que o peso dos dias também chegará para Gray:

Sim, chegaria o dia em que sua face se encheria de pregas e rugas, seus olhos se encovariam sem cor e ir-se-ia a graça de toda sua pessoa, alquebrada e deformada. Passaria o escarlate de seus lábios como desapareceria o ouro de sua cabeleira. A vida, que lhe devera aperfeiçoar a alma, abater-lhe-ia o corpo. Seria horrível, desfigurado, disforme. (WILDE, 2014, p. 37).

Henry ressalta que a beleza, assim como para todos nós, também passará para Dorian Gray. O jovem sente-se triste ao admirar o quadro que seu amigo Basil havia pintado, pois o retrato permaneceria para sempre daquela maneira:

— Que coisa profundamente triste – murmurava Dorian, os olhos fixos no retrato. – Sim, profundamente triste!... Eu ficarei velho, aniquilado, hediondo!... Esta pintura continuará sempre fresca. Nunca será vista mais velha do que hoje, nesse dia de junho. Ah! Se fosse possível mudar os destinos; se fosse eu quem devesse conservar-me novo e se essa pintura pudesse envelhecer! Por isso eu daria tudo!... Nada há no mundo que eu não desse... Até minha Alma! (WILDE, 2014, p. 38).

Como podemos observar no trecho acima, Dorian se sente desolado por sua beleza ser efêmera, tudo que ele quer é o contrário, permanecer para sempre jovem e bonito. Motivado por essa grande vontade e vaidade, mesmo sem o seu conhecimento, uma espécie de pacto com forças ocultas parece ser feito, em que o desejo de permanecer sempre jovem e belo é atendido. Será o seu quadro que sentirá o peso do tempo e das maldades que Dorian Gray começará a praticar.

4 O PACTO “DIABÓLICO”

O tema do pacto com forças ocultas, principalmente, com o Diabo, para receber algo em troca, é um mote recorrente na literatura. O mais famoso é a lenda do Dr. Fausto de Goethe e também de Christopher Marlowe (1592), como Steven Kera (1988) nos explica:

O texto que temos da peça *Dr. Fausto* é bastante mutilado, sobretudo a parte central, devido a cortes e adições efetuados através dos anos. Quando Goethe declarou: “Como foi tudo tão bem planejado!” certamente devia estar-se referindo mais à concepção que à estrutura da peça. O grande escritor alemão inspirou-se nela para escrever sua própria obra-prima *Fausto*, contribuindo assim para tornar a lenda ainda mais famosa. Sempre existiram várias lendas, desde a mais remota antiguidade, a respeito de pessoas que entregam sua alma ao demônio em troca de benefícios neste mundo. Dr. Fausto, porém foi uma personagem histórica que viveu na Alemanha na primeira metade do século XVI e que ficou conhecida como mágico, astrólogo, quiromante e até como “Filósofo dos Filósofos”. Foi tema de obras em latim, e em alemão, traduzidas posteriormente para o inglês. Tendo lido a versão inglesa, Marlowe dela se aproveitou para escrever *A Trágica História do Dr. Fausto*. Assim, um tema tipicamente medieval tornou-se inspiração para uma tragédia renascentista. [...] O Fausto de Marlowe, descontente com as limitações do saber humano, deseja entregar sua alma ao demônio, não em troca de meros benefícios materiais, mas com o objetivo mais elevado de poder assimilar toda a sabedoria do mundo. (KERA, 1988, p. 80).

Mas diferentemente de Fausto que queria a sabedoria do mundo, por ser um intelectual e almejar um conhecimento infinito, o que leva a personagem de Wilde a fazer um suposto pacto com forças diabólicas é apenas o interesse fútil de permanecer intocado pelo impacto dos anos.

No artigo *Uma das formas do pacto com demônio: entre a oralidade e a escrita* (2014), a autora Francieli Santos Rossi nos fala sobre as intenções de um pacto com o Diabo:

Por mais que o Diabo, nestas narrativas, seja vencido pelos humanos a partir de conhecimentos e crenças populares e religiosas, a estrutura original do pacto é conservada nelas. Pois, nota-se que este acordo é firmado entre humanos e o demônio, porque os pactários almejam a troca de favores diabólicos, estes que podem incluir: juventude, conhecimento, riqueza, poder, coragem, dom para tocar perfeitamente um instrumento musical ou simplesmente para ter o corpo fechado na intenção de derrotar, em campo de batalha, um inimigo, também pactário. (ROSSI, 2014, p. 20).

Como mostrado acima, podem haver variados anseios e intenções em quem deseja fazer um pacto com o Diabo. O interessante é que o Diabo quase nunca aparece pessoalmente para fazer a barganha, quase sempre há um intermediador para que isso ocorra. No caso de Fausto de Marlowe, ele faz um pacto de sangue com uma criatura sobrenatural, Mefistófeles, que é enviada pelo Diabo. Em *O Retrato de Dorian Gray* (1890), acreditamos que, Lorde Henry seja o mediador de uma força maligna maior, como dito anteriormente, pois é ele quem desperta os desejos obscuros no jovem mancebo e também se deleita em saber que pode manipulá-lo, como mostra o trecho abaixo:

É que esse adolescente, casualmente encontrado no atelier do Basil, era um maravilhoso espécime da humanidade: não se poderia criar mais absoluto tipo de beleza [...]. Desse modelo era possível tirar tudo. Dele se poderia formar um titã ou um brinquedo. Que desgraça estar tal beleza destinada a fanar-se[...].! Sim, ele procuraria ser junto a Dorian Gray o que, sem o saber, o adolescente era para o pintor, que lhe havia traçado esplêndido retrato. Ele tentaria dominá-lo, como aliás, já havia feito. Faria seu esse ser maravilhoso. Havia qualquer coisa de fascinante nesse filho de Amor e de Morte. (WILDE, 2014, p. 48).

Como podemos observar, Lorde Henry fica fascinado com a beleza de Dorian e, sendo assim, decide que vai tê-lo ao seu dispor, para poder transformá-lo em um deus ou apenas uma marionete. No final da citação, menciona-se o amor e a morte, como se essas duas características fizessem parte da beleza perturbadora com a qual Dorian foi agraciado pelos desígnios da existência ou forças sobrenaturais.

A dominação de Lorde Henry sobre Dorian é bastante fácil pois ele tem medo da velhice e de perder sua beleza e seu charme. Em uma de suas reflexões o jovem pondera: “Agora sei que quando perdemos os encantos, quaisquer que sejam, perdemos tudo. Tua obra revelou-me isso. Lorde Henry Wotton tem toda a razão. A mocidade é a única coisa de valor. Quando perceber que envelheço, hei de matar-me” (WILDE, 2014, p. 38). Tamanha é a vaidade de Dorian e seu apreço à sua beleza e jovialidade que o jovem pensa em até pôr fim à sua vida, caso as perca.

Por conseguinte, a influência de Henry aliada à vontade de Dorian torna-se o estopim para a concretização do pacto maligno com o quadro, mesmo Dorian Gray não tendo consciência do acontecido. Patrícia Tenório nos explica sobre essa luta entre os pensamentos intocados de Dorian, sua parte boa e as novas influências, o mal:

Diante do quadro, Dorian se entrega, entrega a própria alma, despertada há pouco do paraíso na Terra para submergir, para mergulhar nas profundezas do Mal. O Mal e o Bem que habitam em si lutam, se contorcem, um e outro querem prevalecer e quebrar o equilíbrio. Ao fazer o pacto, Dorian não tinha consciência de que seus atos iriam ser “impressos” sobre a tela, que o que o equilibrava era conter dentro de seu mesmo eu os dois opostos de forças que se contradiziam, mas no qual o Bem prevalecia. Ao escolher o caminho do Mal sucessivas vezes, este foi se cristalizando, este foi prevalecendo sobre a superfície do quadro [...] (TENORIO, 2013, p. 185).

Ao longo do romance/novela, o mal vai se avultando dentro de Dorian Gray e suas atitudes perversas serão impressas no quadro, como nos explica a autora. Porém o jovem parecia não ter consciência do pacto que fez em um primeiro momento, sendo assim, foi envolvido em uma trama diabólica, na qual a conservação de sua beleza e juventude teriam que ser pagas com outras vidas. Entretanto, acreditamos que mesmo se soubesse que venderia sua alma, Dorian continuaria a negociação infame pois, Lorde Henry, a Serpente do jardim do Éden, aos poucos foi envenenando seus pensamentos para que o jovem se sentisse vulnerável e propenso a aceitar a permuta para não perder seus atributos físicos.

O primeiro sinal de que algo sobrenatural acontece, dá-se após Dorian Gray terminar o seu breve relacionamento com a jovem atriz Sibyl Vane. Passada a sua breve paixão, ele diz com a voz clara e calma que não quer ser mais cruel com ela, mas que não poderia mais tornar a vê-la, que acabara com todas as suas ilusões (WILDE, 2014). Desta forma, deixando-a devastada, ela acaba com a sua própria vida, como mencionado anteriormente.

A descoberta de que o quadro inicia a sua transformação vem logo em seguida. Após dispensar Sybil, Dorian passa a noite vagando pela cidade, ao chegar em sua casa vislumbra seu retrato que repousa na parede de sua sala como objeto decorativo, certamente, mais importante que os outros, no entanto, algo surpreendente acontece:

Como ele abrisse o trinco da porta, seus olhares recaíram sobre o retrato pintado por Basil Hallward – o que o fez estremecer de surpresa [...] A expressão revelava-se diferente [...]. A luz palpitante realçava linhas de crueldade em torno daquela boca, como se ele próprio, após haver praticado qualquer coisa horrível, as descobrisse em sua face, num espelho. (WILDE, 2014, p.106).

Como podemos notar, a figura retratada no quadro muda de semblante, adquirindo uma expressão cruel. Começa, então, a acontecer o inesperado. A partir daquele momento, toda maldade praticada por Dorian e seu envelhecimento serão perpetuadas no retrato.

Muitos anos se passam, e Dorian vai se tornando cada vez mais egoísta e mesquinho, sem pensar nas consequências das maldades que ele pratica contra as outras pessoas, pois sabe que mesmo agindo dessa forma, o tempo não o punirá. Dorian vai deixando para trás o ingênuo jovem pintado por Basil e se transformando cada vez mais na maligna criatura influenciada por Lorde Henry, como nos explica Tenório:

Dorian Gray de tal maneira cristalizou-se em uma só porção de si, de tal maneira paralisou no seu lado obscuro, ele que foi a princípio formado de cor e luz pelas mãos de Basil Hallward preferiu as sombras e o prazer sem limites e medida de Lorde Henry. (TENORIO, 2013, p. 288).

Dorian assume assim seu lado mal, e vive uma vida em busca de prazeres e sem pensar nas consequências. No desenrolar da trama, em um momento de confissão, Dorian resolve revelar seu segredo para Basil Hallward. O pintor se apavora ao ver que sua bela obra se transformou em algo monstruoso, um reflexo da obscura alma do belo Adônis que ele havia criado. Assustado com a reação de Basil e com medo que seu segredo fosse divulgado, Dorian decide matar seu amigo da seguinte forma:

Avançou docemente passando perto de Hallward, chegando atrás deste, apanhou a faca e voltou-se... Hallward fez um movimento, como para levantar-se da poltrona... Dorian saltou sobre ele, enfiou-lhe a faca atrás da orelha, cortando-lhe a carótida, rachando-lhe a cabeça contra a mesa e desferindo-lhe golpes furiosos. (WILDE, 2014, p. 181).

No trecho acima vemos que Dorian assassina friamente seu amigo Basil, tal atrocidade é imediatamente refletida no quadro. Dorian percebe que a mão usada para assassinar o pintor, mostra-se no quadro, agora suja de sangue: “Que era essa odiosa nódoa rubra, úmida e brilhante, que ele via em uma de suas mãos, como se ela tivesse sido salpicada de sangue?” (WILDE, 2014, p. 196). No entanto, o jovem não se deixa perturbar, o único intuito naquele momento é achar uma maneira de se livrar do corpo, que como citado anteriormente, é feito com a ajuda do futuro suicida Alan Campbell.

Depois do assassinato, a vida de Dorian segue seu curso normalmente, mas o seu não envelhecimento é notado por todos que o cercam. Lorde Henry, assim como Basil fazia antes de sua morte, torna-se cada vez mais intrigado com as imutáveis características físicas de Dorian, sendo assim, o questiona:

[...] conta-me baixinho como pudeste conservar a mocidade. Deves guardar qualquer segredo, pois sou mais velho do que tu apenas dez anos, e estou enrugado, gasto, amarelado. Tu és realmente estupendo, Dorian! Nunca estiveste tão belo como esta noite; lembras-te o primeiro dia em que te vi? Eras um pouco cheio e tímido, mas extraordinário. Mudaste, certamente, não na aparência. Bem quisera que me contasses o segredo! Para reaver a juventude, tudo eu faria no mundo. (WILDE, 2014, p. 243).

Dorian não responde diretamente aos questionamentos de Henry, mas demonstra que mesmo possuindo a eterna juventude não se sente feliz e realizado. A partir de tal conversa, Dorian vislumbra uma possível redenção:

Seria certo que ninguém jamais poderia transformar-se? Então sentiu um ardente desejo de reaver a imaculada pureza de sua adolescência rósea e branca, como uma vez Lorde Henry a definira. Agora se convenciu de haver desluzido a alma, corrompido o espírito e criado infernais remorsos; capacitava-se de que tivera sobre os outros uma desastrosa influência e que nisso encontrava um perverso prazer; persuadia-se enfim de que, entre todas as vidas que haviam atravessado a sua e ele havia contaminado, a sua era ainda a mais bela e a mais cheia de promessas. (WILDE, 2014, p. 247).

Dorian Gray percebe que fez mal a muitas pessoas, mas também a si próprio. Nesse excerto é possível se fazer novas especulações sobre nossa teoria que Wilde pode ter se inspirado em Lúcifer para criar sua personagem, pois Dorian relembra que um dia foi puro e inocente, assim como Lúcifer um dia também o fora, ambos se corromperam pelo orgulho e pela soberba. Essas reminiscências levam-no à melancolia e a questionar também o papel do pacto em sua vida:

Tudo seria irreparável? Não haveria mais esperanças para ele?... Ah! Que tremendo momento de orgulho e de paixão, aquele em que pedira que o retrato assumisse o peso de seus dias, enquanto ele próprio conservasse o esplendor impoluto da eterna mocidade! Toda a sua desgraça vinha daí! Não seria melhor que cada pecado de sua vida já tivesse vindo acompanhado de rápida e segura punição? Há uma purificação no castigo. A prece do homem a um Deus justo, longe de se ser: perdoai os nossos pecados! — Deveria ser: castigai-nos pelas nossas iniquidades! (WILDE, 2014, p. 248).

Dorian Gray sente arrependimento por seus pecados e acredita que deveria ter sido punido por seus atos, que Deus deveria penalizar as pessoas, pois se as mesmas pagassem pelo mal cometessem haveria uma libertação. Acreditamos que essa provocação do escritor da obra foi bastante perspicaz, pois nos levam a questionar um dos maiores enigmas da fé cristã: Poderá

o Diabo um dia ser perdoado por Deus? No caso do nosso anti-herói perguntamos: A redenção de Dorian merece perdão?

Dorian fica cada vez mais perturbado e acredita que sua beleza e juventude foram as causadoras de todos infortúnios, como fica claro na citação abaixo:

Subitamente, sentiu aversão pela sua beleza e, atirando o espelho ao chão, esmagou os estilhaços sob os pés...! Era a sua beleza que o havia perdido, essa beleza unida a essa mocidade, pelas quais ele tanto havia rogado. Sim porque, sem essas duas coisas, sua vida poderia ter sido sem mácula. A beleza só lhe fora uma máscara e a mocidade uma burla. Que era esta afinal? Um instante viridente e prematuro, uma frase de humores fúteis, de ideias doentias... Por que a seguira?...A mocidade o perdera. (WILDE, 2014, p. 248).

Dorian sente que sem a sua juventude eterna e sua beleza tudo poderia ter sido diferente, pois as mesmas o levaram a perdição e ao desequilíbrio moral e psicológico, e foram as mesmas também que o levaram a fazer o pacto com forças malignas. Então decide mudar de vida e se tornar uma pessoa melhor, esperando que tais atitudes se refletissem no seu quadro. No entanto, tal estratégia não funcionou, o quadro parecia ficar ainda mais tenebroso, como se o mal jamais pudesse ser apagado e que forças ocultas, com quais ele fez o pacto, soubessem que seu arrependimento não era sincero.

Por não ter revertido a transformação em seu retrato, Dorian se questiona se essa vida nova que resolvera levar era um ímpeto verdadeiro ou só mais um desejo de novas sensações. Deste modo, Dorian reflete sobre o assassinato de Basil Hallward, fato que fez o quadro ficar ainda mais repleto de sangue:

Confessar seu crime? Sabia ele o que isto queria dizer — confessar-se? Era entregar-se por si mesmo à morte! Dorian pôs-se de novo a rir... A ideia era inconcebível... Demais, se ele se confessasse, quem nele acreditaria? Não existia o mínimo vestígio do homem assassinado; tudo quanto lhe pertencera estava destruído; ele próprio queimara... Os homens diriam simplesmente que ele enlouquecia... Metê-lo-iam entre grades, se persistisse na sua história... Entretanto, era seu dever confessar-se, sofrer a vergonha diante de todos e fazer uma expiação pública... Havia um Deus que forçava os homens a contar seus pecados, tanto nessa terra, como no céu. Como quer que fosse, nada poderia purificá-lo antes dele confessar o crime... O crime!... (WILDE, 2014, p. 250).

Dorian se sente culpado e pensa em declarar seu crime. Ele reflete que Deus faz os homens se confessarem, pois, só assim, conseguiriam a absolvição eterna, e acredita que somente fazendo isso ele conseguiria se redimir de seu ato. Mas, mesmo com seu suposto

arrependimento Dorian permanece indiferente à morte do pintor, mostrando novamente sua índole egoísta resolve não mais confessar o assassinato de Basil:

Esse assassínio, porém, o perseguiria durante a sua vida inteira? Seria ele sempre subjugado pelo passado? Deveria confessar-se?... Nunca!... Só havia uma prova a erguer-se contra ele. Este era o seu retrato!... Ele o destruiria! Por que o havia guardado tantos anos? Ele próprio se dará ao prazer de ver a sua transformação e a sua velhice. Desde muito tempo, porém abandonara esse prazer [...] Esse retrato foralhe como uma consciência. Sim, havia sido a Consciência... Ele o destruiria! (WILDE, 2014, p. 250).

O breve lampejo de humanidade, e seu repentino arrependimento se desfazem e seu lado perverso prevalece, o levando a destruir seu retrato, a única testemunha de seu assassinato e também de toda a sua perversidade:

Dorian olhou ao redor de si e percebeu o punhal com que havia ferido Basil Hallward. Já o havia polido várias vezes, de modo que não existia a menor nódoa. O punhal brilhava... Como havia exterminado o pintor, assim exterminaria sua obra e tudo o que ela significava... Exterminaria o passado, e quando esse passado estivesse morto, ele estaria livre!... Aniquilaria o monstruoso retrato de sua alma e, livre de suas medonhas advertências, recobriria a paz. Apunhalou o quadro! (WILDE, 2014, p. 251).

O quadro era o reflexo de sua soturna existência, nele, além de sua juventude, estavam marcados os seus pecados, tudo que ele fez de ruim ou mal a ele ou a alguém foi desfigurando a sua bela figura retratada na pintura. Deste modo, Dorian resolve destruir essa eterna lembrança de seus erros, apunhalando o quadro, mas algo de inesperado acontece:

Sentiu-se um enorme grito, acompanhado de uma queda!
Esse grito de agonia foi tão lancinante que os criados, espavoridos, acordaram em sobressalto e saíram de seus quartos! [...] Quando os três entraram, descobriram, suspenso na parede, um esplêndido retrato do patrão, representando-o tal como eles sempre o haviam conhecido, em todo o haviam conhecido, em todo o esplendor de sua estranha juventude e de sua beleza No assoalho, jazia um homem morto, trajado a rigor, com um punhal no coração! ... Seu semblante estava macerado, enrugado, repulsivo!... Somente pelos anéis conseguiram reconhecer quem era... (WILDE, 2014, p. 251-252).

Dessa forma, o pacto maligno, que fez Dorian aproveitar sua vida, eternamente belo e jovem é revertido. Toda a sua podridão, pecados, crimes e envelhecimento finalmente recaem sobre ele, o transformando em um reflexo da sua repulsiva índole. Tenório explica que:

Dorian Gray realiza o paradoxo de tentar destruir sua consciência, de tentar destruir seu próprio retrato, imagem e semelhança de seu espírito, imagem que se “arrepende” e o convida ao arrependimento, ao qual o personagem já não consegue mais. E matando o seu lado feio/bom, mata também seu lado belo/mal, deixando então de existir. (TENORIO, 2013, p. 288-289).

Vemos, que, desta forma, o romance/novela do escritor Oscar Wilde chega ao seu desfecho. Tudo que Dorian Gray sempre desejou e o diabólico pacto o trouxe, como a beleza e a juventude eterna, se vão no momento em que o duplo de Narciso resolve destruir as provas de seus crimes. Ao esfaquear o seu místico quadro, o jovem não comete um assassinio e sim um suicídio pois todo o mal que ele fez para si e para todos ao seu redor se voltam para o agora, não mais belo e jovem, mas repugnante e sucumbido Dorian Gray.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando falamos do travestimento do Diabo em O Retrato de Dorian Gray (1890), inferimos que sua presença é implícita no enredo do romance/novela através da figura e do comportamento de Dorian Gray e de Lorde Henry, pois são eles que evocam uma força maligna arrebatadora que impulsiona o desenrolar trágico dos acontecimentos, são os mesmos também que se tornam fontes da dor e sofrimento para outros personagens da trama. Acreditamos assim, que esta relação entre o bem o mal, entre Deus (Basil), o Diabo (Dorian) e a Serpente (Henry) resulta em trágicas consequências para os envolvidos, pois Deus é exterminado por sua criatura, o Diabo, mas esta, ao tentar se livrar do peso de suas ações também acaba sucumbido. A Serpente, por sua vez, é condenada à solidão, privada da presença dos “amigos”, fadada a envelhecer, algo que tanto temia, até que seus dias se acabem na terra.

Consideramos, finalmente, que Dorian Gray por, exageradamente, buscar a beleza e a juventude causou mal aos seus próximos, pois ele não soube lidar com sua parte má, fazendo-a prevalecer sobre seu lado bom. Deste modo, Dorian perde seu equilíbrio humano e se torna nocivo, se comparando, desta forma, ao próprio Diabo que perde o paraíso por buscar sempre mais poder. Por consequência, ambos caem em desgraça, tendo, assim, que pagar por seus atos

e pecados. Entretanto, em Dorian Gray, podemos ainda ver traços de humanidade e bondade, pois nele pode existir arrependimento e humildade, já para Lúcifer poderá não haver redenção.

REFERÊNCIAS

BARBO, D. Balzac, Wilde e a cultura grega: construções literárias de identidades homoeróticas no século XIX. **Temporalidades - Revista Discente do Programa de Pós-graduação em História da UFMG**, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, 2010.

ECO, U. (Org.). **História da beleza**. Tradução de Eliana Aguiar, 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2014.

GONÇALVES, A. O fenômeno do duplo em o Retrato de Dorian Gray, de Oscar Wilde. **Revista Virtual de Letras**, v. 4, n. 1, 2012.

JESUS, P. de. Narciso acha feio o que não é espelho: selfie e narcisismo, uma busca pelo eu. **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro, Intercom, 2010.

KERA, S.; MUTRAN, M. **O Teatro Inglês da idade média até Shakespeare**. São Paulo: Global Editora, 1988.

RIBEIRO, J. J. **A face Humana do Diabo**. São Paulo: Master Book, 1997.

ROSSI, F. S. Uma das formas do pacto com o demônio: entre a oralidade e a escrita. **Revista Athena**, v. 6, n. 1, 2014.

TENORIO, P. O Retrato de Dorian Gray: a luta entre o Bem e o Mal no romance de Oscar Wilde e na pintura de Ivan Le Lorraine Albright. **Intersemiose| Revista Digital**, ano 2, n. 3, 2013.

WILDE, O. **O retrato de Dorian Gray**. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2014.

Submetido: 24/08/2021

Aceito: 08/12/2021